

M 70
RN 164
Rev. Rubem - 19.4.64
ELE, ELA

A mulher branca

Por que aquela mulher o acompanhara para casa? Viéra em silêncio, como fantasma ou cão na madrugada. Não se lembrava de havê-la chamado; talvez houvesse lhe dado um olhar; depois teve consciência de sua presença no automóvel. Antes, levava alguma outra pessoa em casa. A pálida luz da manhã iluminava um lado de seu rosto muito branco, e ele teve vontade apenas de lhe perguntar porque nunca tomava banho de mar. "Eis uma mulher de pele pálida e leitosa" — pensou — "e ela está em meu carro". Um caminhão cheio de caixotes — era dia de feira na praça — irrompeu de súbito na esquina, e ele mal teve tempo de freiar. Ouviu um palavrão, mas estava demasiado entediado para responder. "Preciso guiar com mais atenção — pensou — creio que não estou mais bêbado, mas estou muito cansado; em todo caso esse português não tinha razão, minha rua é preferencial". De repente voltou-se para a mulher: "machucou-se?"

Ela tinha batido levemente com a testa, mas fez um sorriso triste e um gesto como dizendo que não tinha importância. Era como se estivesse acostumada a viajar em seu carro, ali à sua direita, e esperasse de algum modo o aparecimento do caminhão e a freiada; como se aquilo fizesse parte de sua vida.

Enquanto ele procurava no bolso a chave de casa, ela se encostou um pouco na parede, com um ar de paciência; quando abriu e, no meio de seu cansaço, se lembrou de fazer um gesto de cortezia, indicando que ela entrasse na frente, ela entrou com um ar tão natural como se vivesse há longo tempo com ele. Abriu a janela da sala; quando se voltou a mulher estava tirando o relógio de pulso; lembrou-se de que antes, no carro, ela tirara os brincos, cada um com uma das mãos e quase ao mesmo tempo, o da orelha direita apenas um instante antes do outro, com esse gesto cansado e suave das mulheres pela madrugada.

"Elas começam a se despir pelos brincos" — pensou ele. Mas agora ela tirava o fino relógio de pulso — era de ouro — no braço branco as veias eram azuis, os dedos eram compridos, e se moviam com um jeito experiente — os cabelos eram côr de tabaco, os olhos quase verdes, o nariz fino, a linha da boca meio fatigada... Ficou olhando a mulher com uma vaga atenção, sem curiosidade, como se olhasse um galfo ou macieira, e considerando que certamente deveria dormir com ela, já que viera para sua casa. Essa idéia não era aborrecida nem excitante; não era um desejo nem um dever, mas alguma coisa normal, na ordem normal das coisas. Passou a mão pelos cabelos da mulher; eram macios. Teve vontade de perguntar seu nome, e como a conheceu, mas não achou delicado. Notou que o vestido preto era discreto, e de bom gosto; as pérolas do colar eram pequenas, e faziam mais um latecência sobre sua pele de opala.

"Espere um pouco, meu bem" — disse automaticamente, com uma ternura natural, pois achava agora bom que ela tivesse vindo. Ela abriu uma revista nova que estava sobre a mesa e sentou-se na poltrona. Quando ele entrou no banheiro, sentiu uma vontade forte de tomar uma chuveirada; sentia a pele meio oleosa. Tirou os sapatos, a roupa, abriu o chuveiro, regulou a temperatura da água em pé, imóvel, achando bom, pensando vagas coisas. De repente pensou na mulher que ficara na sala; tentou lembrar-se de seu rosto, tentou lembrar-se de seus cabelos mas se lembrava do rosto de outra mulher; de Duse, mulher de Antônio. Certamente não era a Duse — que idéia! — em todo caso parecia bonita. Era alta ou baixa? Sentiu-se sonolento, abriu um pouco mais a torneira de água fria. Duse não é loura? É quase loura... Essa é loura?"

Quando, lá fóra, viu que a mulher tinha saído, sua primeira idéia foi reparar se ela não tinha esquecido o relógio de pulso; lembrava-se nitidamente da mão branca e longa tirando o relógio do pulso, com os dedos experientes. Não, o relógio não estava. Ficara apenas um perfume vago na sala — nem um nome, nem mesmo saudade, nem desaprovação, mas uma lembrança da companhia que viera tão naturalmente, e partira. Antes de deitar, olhou-se ao espelho, pensando vagamente como se fosse uma outra pessoa: "foi esse o homem que ela acompanhou até em casa". Mas logo que começou a dormir não sabia se estava sonhando ou se estivera; talvez tivesse sonhado com Duse, mulher de Antônio, pensou; mas não era certo — embora, de um modo ou de outro, fosse bom. Lá fora, longe, como em outro sonho, ou na infância, um galo cantou, e isso também era bom.

A POESIA É NECESSÁRIA

IV

Dois trechos do poema

De uma noite de tempestade

de Rainer Maria Rilke

Geir Campos, nascido em S. José do Calçado, Estado do Espírito Santo, é um de nossos melhores poetas moços, e, com certeza, o mais bem equipado tecnicamente. Ele acaba de publicar na "Coleção Rubáiyát" da Livraria José Olympio, uma tradução de Poemas de Rainer Maria Rilke, feita diretamente do alemão.

Em noites tais, como há já muitos dias,
nos mausoléus de antigas dinastias
os corações dos príncipes despertam
e com tal força voltam a bater
de encontro aos sarcófagos, que os apertam,
que estes, dentro da treva e da borrasca,
deixam cair solta a dorada casca.
Com seus salões oscila a catedral:
os sinos, como aves medrosas, mal
se penduram nas torres; sobre as pegas
tremem as portas; toda a construção
se abala — e seus alicerces, então,
mexem-se como tartarugas cegas.

VI

Em noites tais parecem-se todas as cidades,
embandeiradas.
A tempestade puxa-as pelas bandeiras,
como a arrastá-las pelos cabelos
a algum remoto país de incertos
rios e fronteiras.
Cada jardim transforma-se num lago,
e junto ao lago a mesma casa
e nessa casa a mesma luz;
oculta a face por trás das mãos,
são sócias todos os cidadãos.

GENTE DA CIDADE



Oscar, o arquiteto

Nasceu em 1907 no bairro de Laranjeiras, um dos seis filhos de um casal folgado financeiramente, e fez o curso primário e secundário no Colégio Santo Antônio Maria Zacarias, dos padres Barnabitas, no Catete, onde também estudavam — um ano mais adiantados — Otávio de Faria, Marcelo Roberto e Paulo Werneck. Aluno mediocre, deixou a escola aos 16 anos mas sempre ficou dependurado por um exame de História Universal, dedicou-se a sinuca, ao futebol (meia direita do Juvenil do Fluminense, teve grande emoção em 1925 atuando na preliminar de um jogo Cariocas x Paulistas) ao remo ("voga" do Guanabara, fechou a raia em sua única séria competição) e à meia vagabundagem de um rapazola filho de pai abandonado. Casou-se aos 21 anos, tem uma filha; avô aos 41 anos, tem duas netas. O mau estudante formou-se, afinal na Escola de Belas Artes, para onde entrara contra a vontade paterna — mas confessava que aprendeu arquitetura foi trabalhando (com Afonso Eduardo Reidy,

Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani de Vasconcelos) no escritório de Lucio Costa. Esses contam que o rapazinho Oscar, em que ninguém (nem ele) fazia muita fé, deu um "estalo" de repente apresentando timidamente um projeto que logo todos julgaram superior aos próprios. E daí disparou a estudar e inventar casas. De tudo que fez gosta mais da Igreja da Pampulha e do Clube (em construção) de Diamantina e do Teatro do Quarto Centenário de S. Paulo. É acusado de ser antes de tudo um plástico (eu mesmo escrevi, anos atrás: se tivesse 2.000 contos para fazer uma casa, faria uma casa por 1.000 contos com algum arquiteto camarada, daria os outros 1.000 ao meu vizinho para fazer uma casa com desenho de Oscar) mas os técnicos garantem que ele parte da função para a invenção plástica, e os homens práticos — industriais, etc — acreditam.

Toca violão, especialmente sambas velhos, chôros e valsas, preferência pela cantiga "Cai a Tarde Tristonha e Serena" e por mais que trabalhe, que não beba, que não fume, etc., conserva seu ar de malandro carioca de salão de bilhar, de clubes só frequenta os Marimbás, tem medo de andar de avião, e durante a guerra gastou 12 dias do Rio a Porto Alegre em gazogênio, mais 12 dias para voltar. Nos primeiros tempos de casado brigou com a mulher porque chegou em casa de paletó mas com o avelal de jogador de sinuca amarrado por baixo. Nunca foi à Europa, mas esteve nos Estados Unidos (projeto do Pavilhão Brasileiro na Feira de N. Y., projeto da sede da O.N.U.) e é cidadão honorário de New York onde não pode ir porque a embaixada americana não lhe dá mais visto, o que é mais uma demonstração da galeguice fundamental da diplomacia americana. Prato preferido: feijão com arroz e picadinho. É um dos brasileiros de mais cartaz no mundo. E foi escoteiro, mas ninguém diria.

BRAGA

MANGUE

A madrugada era escura, nas moitas de mangue, baixas, meio trêmulas do ventinho frio. Mas do lado do mar o céu estava lívido, e se espelhava na água do canal pálido. Eu avançava no batelão velho; remava cansado, e tinha sono. De longe veio um rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquêle rincho de cavalo me fez lembrar a moça andando a cavalo. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão rico, de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com certo espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía no barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, mas depois o luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: "êsse alguém que logo encanta deve ser alguma santa". Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse de repente, com essa adoração súbita, mas tímida, êsse fervor confuso da adolescência — adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquète, que costumava ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de pópa, apenas tocar um batelão preto com meu remo.

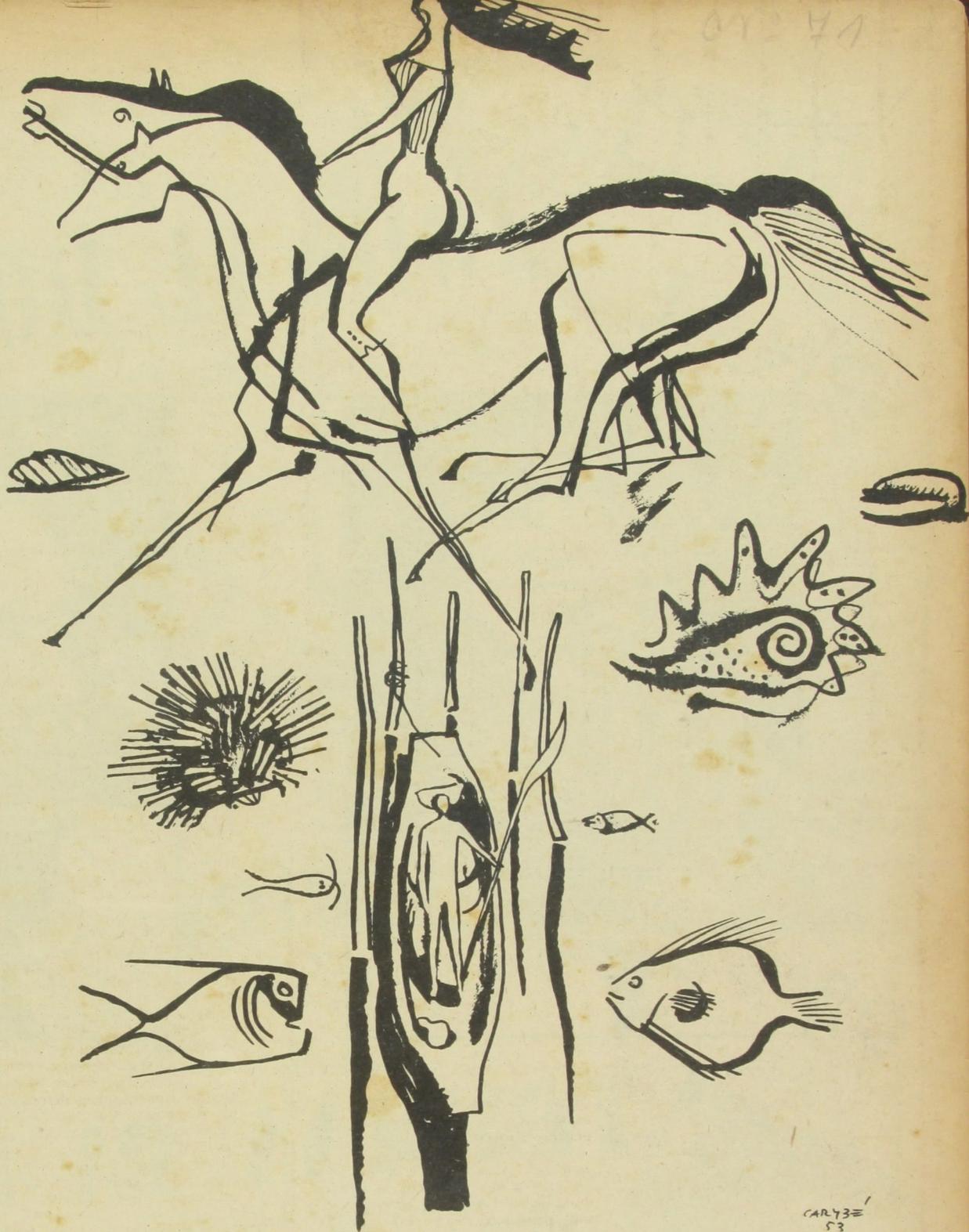
Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sôzinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fôsse passar me dando apenas um adeus, êsse "bom dia" que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina e branca. São as duas imagens que mais fortes se gravaram na minha memória, dêsse encontro; a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como conversava com ou outros; séria, como se eu fôsse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de palm-beach, relógio de pulso. Perguntou coisas sôbre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais belos. Perguntou se a gente comia aquêle côco dos coqueirinhos junto da praia — e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagôa.

De repente me fulminou: "porque você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo exquisito". Respondi, estúpido, com a voz rouca: "eu não".

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: "não é isso". Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inveniente que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insisti, me deu adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora a água da lagôa estava mais pálida, e já havia uns laivos de rosa na água e no céu. Aquêle rincho distante de cavalo me lembrara a moça rica e bonita, corada, impossível. E comeci a remar com força, sem me importar com a água fria que escorria pelo remo e me molhava a manga da camisa; fui remando, remando com tôda força.



CARYBÉ
53

Anahory fez "forfait" esta semana, porque foi para S. Paulo, onde abriu uma exposição no Museu de Arte Moderna. Em seu lugar publicamos um desenho de Carybé para uma das

crônicas — "Mangue" — do livro "A Borboleta Amarela", de Rubem Braga, que acaba de aparecer em edição de luxo sob o patrocínio da Livraria José Olympio Editora.

VEM ESCRITO NOS LIVROS

A ABOLIÇÃO

..Do livro "A vida de Lima Barreto", de Francisco de Assis Barbosa, edição José Olympio, 1952:

"Dias antes da data áurea — escreveu Lima Barreto sôbre o 13 de maio —, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia dos teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.

Na minha lembrança dêsses acontecimentos, o edificio do antigo Paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, mesmo muito alto, um "sky-scraper"; e de lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo. Não me recordo bem se êle falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio. Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do

velho casarão. Afinal a lei foi assinada, e, num segundo, todos aquêles milhares de pessôas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenços, vivas...

..Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folgança e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia.

Houve missa campal, no campo de São Cristóvão. Eu fui com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a "Primeira Missa", de Vitor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez..."

A REPÚBLICA

Do mesmo livro:
"Do 15 de Novembro, quase nada tem

que recordar. "Da tal história da República — disse — só me lembro que as patrulhas andavam, nas ruas, armadas de carabina e meu pai foi, alguns dias depois, demitido do lugar que tinha".

ERRADO

Do prefácio da segunda edição ("Organização Simões", 1953) do livro "Brasil Errado" de Francisco Martins de Almeida, publicado em 1932:

"Vinte anos passaram sôbre as folhas dêste livro sem descorar o seu título: **Brasil Errado**. No espaço de tempo decorrido desde 1932, quase nada aconteceu neste país que o livrasse de continuar a ser "êssa coisa inerte e enorme" de que fala Monteiro Lobato".

"Afínal êste nosso Brasil, mesmo errado, oferece ao mundo, que está estalando de ódio, um remanso de cordialidade que o reabilita, na minha opinião, de tôdas as suas burradas".